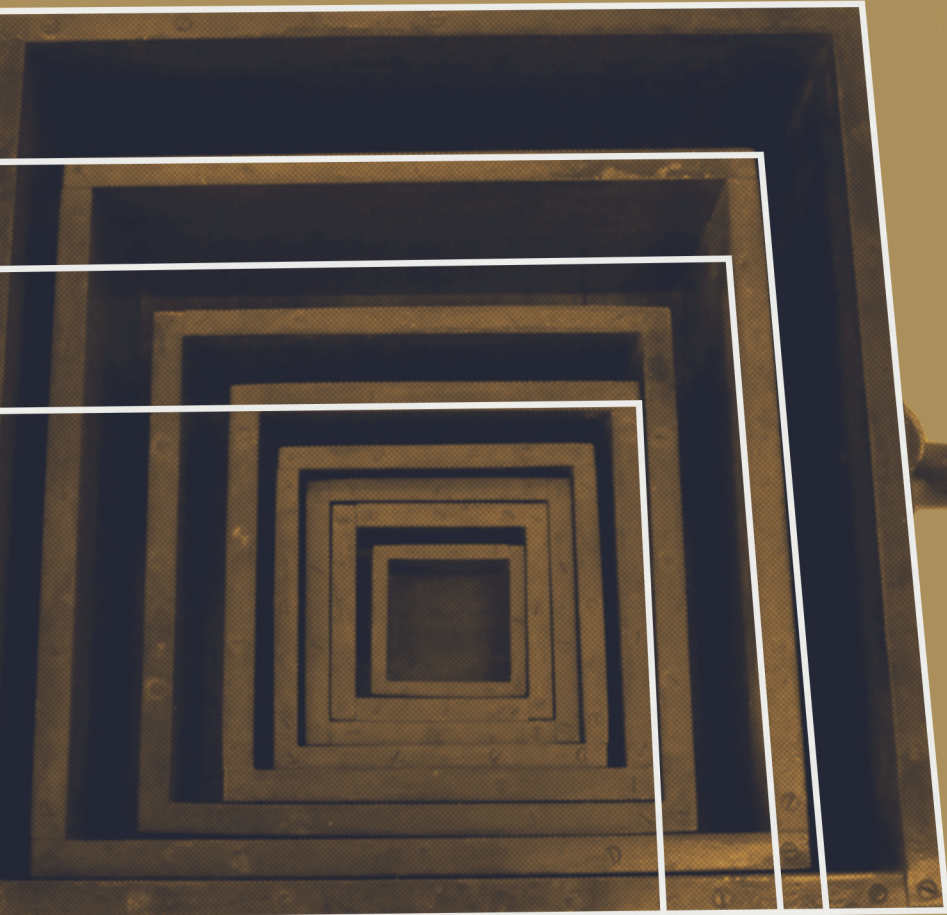


MO

22 E 23 NOVEMBRO 2019

ENCONTRO BOAS PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS

OS TURISTAS COMO PÚBLICO ALVO. PROBLEMÁTICAS E DESAFIOS.



CENTRO MUNICIPAL DE ATIVIDADES CULTURAIS VILA DO NORDESTE

FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO

COMISSÃO ORGANIZADORA
IIIº ENCONTRO BOAS PRÁTICAS
MUSEOLÓGICAS

DESIGN

LUÍS SOUSA

GRÁFICA

ACCIONAL, PONTA DELGADA

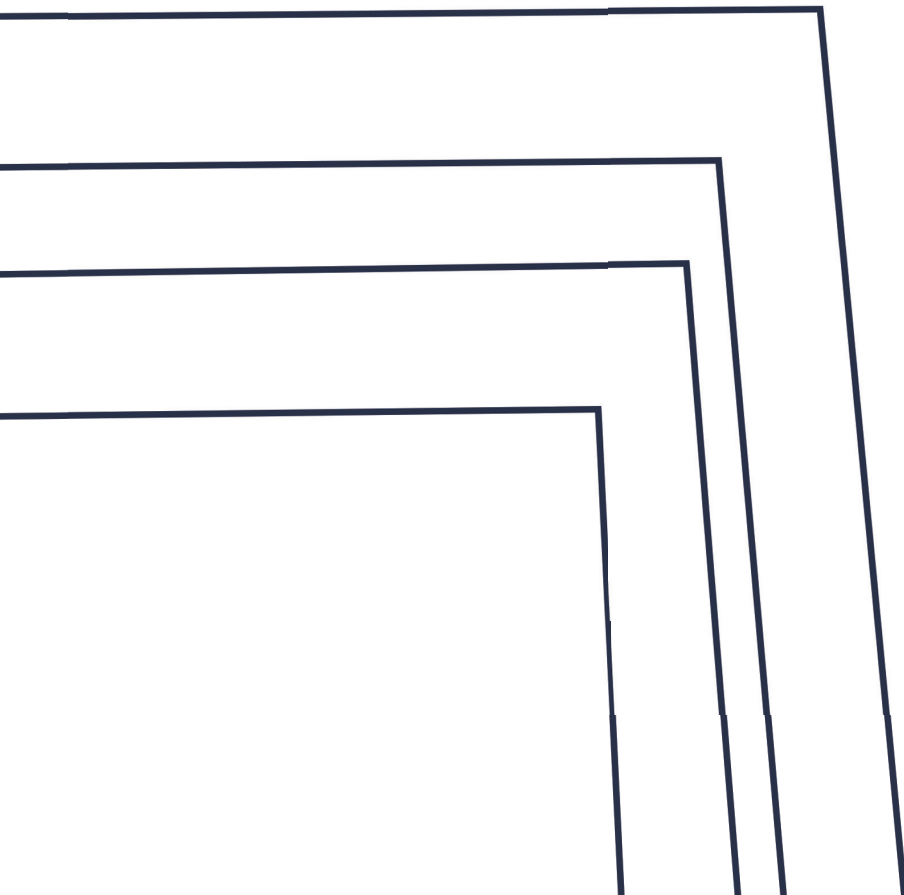
REPOSITÓRIO DA UA_c

<http://hdl.handle.net/10400.3/5222>



ENCONTRO BOAS PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS

OS TURISTAS COMO PÚBLICO ALVO. PROBLEMÁTICAS E DESAFIOS.



COMISSÃO CIENTÍFICA

Duarte Nuno Chaves - CHAM

Flávio G. B. Tiago - UAC

Maria Manuel Velasquez Ribeiro – DRAC / CHAM

Maria Teresa B. Tiago - UAC

Sofia Lapa – CHAM

COMISSÃO ORGANIZADORA

Duarte Nuno Chaves / CHAM Açores

Fernando Miguel de Melo Ribeiro / UAC-BAM

Hugo Brás / CHAM Açores

Mafalda Vicente / CMN

Maria Manuel Velasquez Ribeiro

Sandy Carreiro / CMN

Sofia Lapa / CHAM Açores

O IIIº Encontro de Boas Práticas Museológicas resulta de uma organização conjunta do CHAM – Açores, do Serviço de Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores e da Câmara Municipal do Nordeste.

Depois de uma primeira edição dedicada ao tema do Inventário Museológico (Ribeira Grande, 2017) e de uma segunda edição em torno da Educação em contexto museal (Lagoa, 2018), em 2019 é a vez de nos determos no binómio Museus e Turismo.

Tendo os turistas como público-alvo, os investigadores e profissionais de museus participantes no IIIº Encontro de Boas Práticas Museológicas são convidados a partilhar estratégias de programação e de divulgação, enriquecendo um debate em torno de questões como: *Até que ponto conhecemos os perfis dos turistas que nos visitam? De que modo estão as nossas exposições permanentes ou de referência preparadas para este público? De que forma é que as nossas práticas de gestão e de programação estão preparadas para desenvolver ferramentas especificamente vocacionadas para os turistas? Como nos associamos aos agentes de turismo para promovermos a nossa programação expositiva? Como mediamos e divulgamos a nossa programação nas plataformas digitais? Que outras medidas de programação e de divulgação projetamos implementar junto deste público específico? Em suma, programamos com o turismo ou para o turismo?*

Associando-se à comemoração do 30º aniversário do Museu Municipal do Nordeste (1989-2019), o programa do IIIº Encontro de Boas Práticas Museológicas inclui ainda um painel dedicado a Nestor de Sousa (Ponta Delgada, 1932-2017). No decorrer do Encontro será também inaugurada uma exposição dedicada a este museólogo açoriano, da responsabilidade da Câmara Municipal do Nordeste e do Serviço de Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores, em parceria com o CHAM Açores.

22 NOVEMBRO

10H00 Recepção aos participantes

10H30 ABERTURA DO IIIº EBPM

António Miguel Soares / Presidente Câmara Municipal Nordeste
Susana Serpa Silva / Direção CHAM-Açores

1.º PAINEL Moderação Duarte Nuno Chaves / CHAM-Açores

10H40 MUSEUS E TURISMO. O MURO DE BERLIM OU A NECESSIDADE DO ENCONTRO

Francisco Maduro Dias / Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores

11H00 MUSEUS E TURISMO. UMA OPORTUNIDADE PARA A ILHA GRACIOSA.

Jorge A. M. B. Cunha / Director Museu da Graciosa

2.º PAINEL Moderação Sofia Lapa / CHAM-Açores

11H30 O ECOMUSEU DO CORVO E O TURISMO INSTANTÂNEO.

Andreia Silva / Co-coordenadora Ecomuseu do Corvo

11H50 CASA-MUSEU CUNHA DA SILVEIRA. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE PÚBLICO-TURISTA.

Rui D. B. Marques / Coordenador Casa Museu Cunha da Silveira, Velas, S. Jorge

12H10 DEBATE

3.º PAINEL Moderação Jorge Cunha / Diretor Museu da Graciosa

14H00 A OFICINA-MUSEU DAS CAPELAS E O TURISMO.

Eduardo P. Medeiros / Estagiário no Museu Oficina das Capelas, S. Miguel

14H20 TURISMO E CRIAÇÃO DE NOVOS PÚBLICOS – O EXEMPLO DO MUSEU DA LAGOA, AÇORES.

Igor Espínola de França / Coordenador da Educação e Cultura – Câmara Municipal da Lagoa, S. Miguel

14H40 O MUSEU DO TABACO DA MAIA E A SUA RELAÇÃO COM O TURISMO. BREVE REFLEXÃO.

Susana G. Tiago / Coordenadora Museu do Tabaco da Maia, S. Miguel

15H00 REFLEXÕES EM TORNO DO PROCESSO DE DEFINIÇÃO DO “PÚBLICO-ALVO: TURISTAS”, NO ÂMBITO DA PROGRAMAÇÃO DA CASA DA AUTONOMIA.

Sofia Lapa / CHAM-Açores

15H20 DEBATE FINAL

23 NOVEMBRO

4.º PAINEL Moderação Igor Espínola de França / CM Lagoa

10H10 NESTOR DE SOUSA E A HISTORIOGRAFIA DA ARTE NOS AÇORES.

Isabel Soares de Albergaria / CHAM-Açores

10H30 NESTOR DE SOUSA. MEMÓRIAS EM CONTEXTO MUSEOLÓGICO.

Sílvia Sousa / Museu Carlos Machado, Ponta Delgada

10H50 ACERVO NESTOR DE SOUSA NA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES. Fernando M. Ribeiro / Universidade dos Açores - Biblioteca, Arquivo e Museu

5.º PAINEL Moderação Duarte Nuno Chaves / CHAM-Açores

11H20 O MUSEU DO NORDESTE NA DINÂMICA SÓCIO-CULTURAL E TURÍSTICA DO MUNICÍPIO

José Carlos Carreiro / Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Nordeste

11H40 MUSEU MUNICIPAL NESTOR DE SOUSA

Mafalda Vicente / Câmara Municipal Nordeste e Rita Soares / Mestranda Património, Museologia e Desenvolvimento, Universidade dos Açores

12H00 DEBATE

12H20 INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO NESTOR DE SOUSA, 1932-2017.

Sala de Exposições do Município

13H00 HOMENAGEM A NESTOR DE SOUSA COM DESCERRAMENTO DA PLACA DO MUSEU MUNICIPAL NESTOR DE SOUSA

13H30 ENCERRAMENTO DO IIIº EBPM

ANDREIA SILVA

Andreia Conceição Freitas da Silva, 30 anos, corvina, licenciada em Património Cultural na Universidade dos Açores (2007/2011), é atualmente coordenadora do projeto do Ecomuseu do Corvo, que resulta de uma parceria entre a Câmara Municipal do Corvo e a Direção Regional de Cultura, com o acordo da comunidade corvina.

EDUARDO PEREIRA MEDEIROS

Concluiu o seu ensino secundário em Línguas e Humanidades na Escola Secundária Domingos Rebelo.

Tirou a Licenciatura em História na Universidade dos Açores e fez o programa Estagiar L na Oficina-Museu das Capelas desde outubro de 2018 até junho de 2019.

Atualmente frequenta o mestrado de Gestão do Turismo Internacional na mesma instituição académica.

FERNANDO MELO RIBEIRO

Fernando Melo Ribeiro (1956), é natural de Lourenço Marques e vive em Ponta Delgada. É licenciado em História (Universidade dos Açores) com pós-graduação em Ciências Documentais e da Informação, especialização em biblioteca (Universidade dos Açores).

Das funções que desempenha no presente, destaca-se a de coordenador de área da Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores, tendo para além das atribuições de carreira, a gestão do suporte informático, pesquisa e análise da informação em plataformas digitais como a b-on, Repositórios Institucionais entre outras, formação de utilizadores, indexação de monografias (provas académicas da UAc e ofertas bibliográficas), difusão de informação bibliográfica, administração e gestão do Repositório Institucional.

FRANCISCO MADURO DIAS

Museólogo. Natural de Angra do Heroísmo.

Licenciado em História pela Universidade do Porto, com pós-graduações em Museologia e em Gestão e Conservação da Natureza.

É Presidente da Comissão Executiva da Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores, tendo sido, anteriormente, Director do Museu de Angra do Heroísmo (2002-2005) e Director do Gabinete da Zona Classificada de Angra do Heroísmo (1987 – 2000).

Foi considerado Personalidade do ano 2016 pela Associação Portuguesa de Museologia.

Desenvolve, há mais de 40 anos, actividade nas áreas da Gestão e Conservação de Património Cultural; Gestão e Conservação do Património Natural; Museologia; História e Arqueologia, e Turismo.

Membro de várias instituições e agremiações culturais, nacionais e estrangeiras.

É empresário na área do turismo de habitação, desde 2012.

IGOR ESPÍNOLA DE FRANÇA

Igor Espínola de França. Nasceu em Ponta Delgada (1963). Licenciado em Arquitectura (Faculdade de Arquitectura da UTL 1987), Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento (Universidade dos Açores 2009), e pós-graduado em História da Arquitectura (Instituto Superior Técnico da UTL 2012). Assistente convidado na Universidade dos Açores onde lecciona no Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento. Coordenador da Educação e Cultura da Câmara Municipal de Lagoa, e investigador do CHAM. Desenvolve actividade de investigação no âmbito do Património Imóvel, da Museologia, e da História e Genealogia do povoamento açoriano, tendo apresentado comunicações e publicado diversas obras e artigos nessas áreas.

ISABEL SOARES DE ALBERGARIA

Isabel Soares de Albergaria é Professora Auxiliar da Universidade dos Açores, sendo atualmente coordenadora do Departamento de História, Filosofia e Artes – FCSH. Licenciada em História-variante de História da Arte (FCSH-UNL, 1988), é mestre em História da Arte (FCSH-UNL, 1996) e doutorada em Arquitectura (IST-UTL, 2012). É membro integrada do CHAM (Centro de Humanidades – FCSH-UNL/UAc) e membro votante do ICOMOS (UNESCO) para o painel Paisagens Culturais. Coordena o projeto Azores - Green Gardens (GreenGA), 2016-2020. ACORES010145FEDER000070.PO Açores 2020. Link: <https://www.otacores.com/greenga/>. Co-coordena o projeto “CREATOUR Azores - Turning the Azores into a Creative Tourism Destination, 2018-2020: ACORES-01-0145-FEDER-000127, além da co-coordenação do projeto “VALORIZAÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL VINHATEIRA DE SANTA MARIA”, 2018-2020. Promotores: Câmara Municipal de Vila do Porto, Sustain Azores, CHAM-A., distinguido pelo programa RURITAGE da CE/UNESCO (<https://www.ruritage.eu/call2019>).

JOSÉ CARLOS CARREIRO

José Carlos Barbosa Carreiro nasceu na freguesia da Lomba da Fazenda, concelho de Nordeste, em 7 de Setembro de 1955.

De 1968 a 1975, frequentou o Liceu Nacional de Ponta Delgada onde concluiu o 7.º ano dos liceus. De 1977 a 1981 frequentou a Universidade dos Açores tendo-se licenciado em 1981. De 1982 a 1984, profissionalizou-se no ensino, na então Escola Preparatória de Ponta Delgada, vindo a efetivar-se, em 1986, na Escola Preparatória de Nordeste e posteriormente na Escola Preparatória Canto da Maia, em Ponta Delgada, de onde se aposentou, em 2005.

Foi sucessivamente Presidente do Conselho Diretivo da Escola de Nordeste, Vereador da Cultura (1979-89) e Presidente da Câmara Municipal de Nordeste (1990-2013), sendo atualmente Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Nordeste, instituição onde já tinha sido vogal da Mesa Administrativa até tomar posse como presidente da edilidade nordestense em 1990.

Membro dos órgãos sociais de diversas agremiações culturais e recreativas do

concelho, de que se destacam a Filarmónica Imaculada Conceição da Lomba da Fazenda e a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Nordeste. Fez ainda Voluntariado Internacional em Inglaterra e Moçambique de 2014 a 2017.

Tem sido orador convidado para diversas comunicações e conferências, no concelho de Nordeste e no exterior, com artigos publicados em revistas e jornais. Por sua iniciativa, o Município de Nordeste editou mais de uma dezena de obras de autores nordestenses, sobre temáticas como história, poesia, gastronomia e etnografia.

Por proposta sua, enquanto Vereador da Câmara Municipal de Nordeste, constituiu-se a Comissão Instaladora do Museu do Nordeste de que fez parte, para dar início à recolha, catalogação e exposição de um importante espólio de artefactos, peças de arte, indumentárias, alfaias e loiças existentes na área do Município e em risco de se perderem, as quais integram hoje o seu património.

É autor da obra de referência do Município, intitulada “O concelho do Nordeste – Apontamentos para a sua História”, publicada em 1989, que tem servido de fonte de inspiração e de referência para várias monografias históricas, que se lhe seguiram, sobre a História local.

JORGE ANTÓNIO DE MEDEIROS BORGES E CUNHA

Nasceu na Horta, na ilha do Faial, a 28 de agosto de 1959. Reside desde criança em Santa Cruz da Graciosa onde exerce o cargo de Director do Museu da Graciosa. É licenciado em História, Pós Graduado e Mestre Pré Bolonha em Património, Museologia e Desenvolvimento, pela Universidade dos Açores. É técnico superior da Direção regional da Cultura. Há mais de três décadas que tem tido uma participação ativa na comunidade graciosense, no estudo e divulgação do património material e imaterial graciosense, promotor de centenas de eventos sócio culturais e como sócio fundador de diversas associações de natureza diversa. É autor de várias monografias, livros e artigos, apresentou diversos trabalhos e conferências em Portugal e no estrangeiro (Espanha, Bélgica, EUA, Canada, e Brasil), nas áreas do associativismo juvenil e cultural. Foi sócio fundador e presidente da Associação da Semana do Carnaval (1990-97), realizando, anualmente, exposições e serviço educativo sobre esta temática. Em 2006 e 2016, foi condecorado pelo Governo regional dos Açores na categoria “Personalidades” (V e XV Galas do Desporto Açoriano).

MAFALDA VICENTE

Mafalda Vicente iniciou a atividade profissional nos Açores ao integrar a equipa de trabalho do Instituto Açoriano de Cultura para elaboração do Inventário do Património Imóvel dos Açores, com colaboração ativa em várias fases deste projeto. Em 2005 iniciou o trabalho na Câmara Municipal de Nordeste, onde desempenha funções de arquiteta e desenvolve diversos trabalhos na área do património, cultura e história do Nordeste, abrangendo também algumas tarefas no âmbito promoção turística do concelho, com destaque para ações de formação, visitas guiadas, roteiros,

guias e folhetos, atividades de dinamização cultural no museu, workshops, entre outros eventos.

RITA SOARES

Licenciada em História pela Universidade dos Açores com ramo em Património Cultural em 2018. Atualmente a terminar o Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento na mesma Universidade. Foi responsável pelo inventário do Museu Municipal Nestor de Sousa e encontra-se a desenvolver uma dissertação relacionada com a instituição de acordo com o trabalho desenvolvido.

RUI DUARTE BRASIL MARQUES

Rui Duarte Brasil Marques, licenciado em Arqueologia desde 2013 e mestre em Arqueologia desde 2015, ambos os cursos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Em 2018 conclui a pós-graduação em Património, Museologia e Desenvolvimento pela Universidade dos Açores. Em 2017 começa a frequentar o curso de Doutoramento em Estudos do Património pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Atualmente, exerce funções de técnico superior na Casa Museu Cunha da Silveira.

SÍLVIA SOUSA

Sílvia Maria Borba Fonseca e Sousa é Licenciada em Sociologia pelo Instituto Superior do Trabalho e da Empresa (1993) e Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento, pela Universidade dos Açores (2009), com a tese A museologia na ilha de São Miguel: 1974-2008.

Desde 1994, é técnica superior no Museu Carlos Machado, onde tem desenvolvido e participado em diversos projetos museológicos. Nessa instituição coordena a área da documentação museológica e, até 2018, foi responsável pelo património cultural imaterial. Tem assumido a responsabilidade de várias coleções no museu, nomeadamente, etnografia regional, transportes, numismática, medalhística, etnografia e arte africana.

SOFIA LAPA

Investigadora integrada do CHAM Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores. Doutorada em História da Arte, especialização em Museologia e Património (FCSH-UNL, 2010-15). Mestre em Património e Museologia (FCSH-UNL, 2005-09). Pós-graduada em História da Arte (FCSH-UNL, 1992-95). Licenciada em História, Variante de História da Arte (FCSH-UNL, 1987-92).

Desde novembro de 2018, colabora com a equipa de missão da Casa da Autonomia, como consultora na área da museografia e como programadora do Serviço Educativo. Desde 2003, tem trabalhado na área da educação em museus quer desenvolvendo projetos de atividades com os públicos visitantes quer na área de

edição de publicações de mediação educativa de acervos museológicos quer ainda como formadora de formadores na área da educação museal.

Desde 2010, tem sido responsável pela criação e orientação de cursos livres na área da Educação Museal e pela orientação de seminários de mestrado na área da Mediação do Património Cultural, (UNL, 2010-2016; UAÇ, 2011, 2016 e 2017). Entre 1995 e 2004 foi professora de História da Arte na Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espetáculo, Lisboa.

SUSANA GOMES TIAGO

Susana Gomes Tiago, natural de San Sebastian (Pais Vasco- Espanha), licenciada em antropologia física pela Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra; mestre em criminologia pela universidade do Pais Vasco; pós-graduada em património, museologia e desenvolvimento local pela Universidade dos Açores. Foi professora do 3º ciclo do ensino básico (1896-2000); bolsista de investigação na Universidade do Pais Vasco (2001- 2003). Desde 2004 trabalha na Santa Casa da Misericórdia da Maia como responsável pelo Museu do Tabaco da Maia, responsável pela gestão de projetos culturais e sociais, responsável pela organização de vários eventos (exposições, seminários e workshops).

1º PAINEL

FRANCISCO MADURO DIAS

Museus e Turismo. O Muro de Berlim ou a necessidade do encontro.

Durante décadas o muro de Berlim separou uma cultura em duas, um povo em dois e criou uma falsa separação, ainda que muito eficaz.

Procurando e realizando um trabalho de mérito os museus tendem a ser, hoje, ora espelhos da comunidade, para ela própria, ora “teatros da existência”, para visitantes, contribuindo para que uma espécie de muro de Berlim exista entre duas porções de uma mesma realidade, os residentes habituais e os residentes momentâneos, com pouco diálogo, entre eles.

De Museu (Ptolomeu I Soter), espaço fechado onde tudo seria reunido, para permitir o olhar protegido e interior da comunidade interessada, o espaço contemporâneo tem de ser, sempre e cada vez mais “Casa das Musas”, espaço de inspiração, serviço de memória, não apenas da comunidade residente, mas de TODA a comunidade que ele acolhe, recebe e influencia.

A hospitalidade, por sua vez, é muito mais que um serviço de dormidas. O turismo implica diálogo e só dialogamos se nos conhecemos o suficiente para nos poderemos explicar aos outros, temos de nos conhecer, e conhecemo-nos porque nos comparamos com esses outros, percebendo diferenças, semelhanças e influências.

Por outro lado, perceber onde estamos, no contexto global, implica o que costumo designar por georreferenciação. Só conseguimos perceber a verdadeira dimensão da nossa cultura através do conhecimento das outras e das interações resultantes dos contactos.

Afinal, de que terra falamos, de que “ilha” falamos? Ítaca, Utopia, a de Robinson Crusöe?

O casulo urbano e a reinvenção do campo e do exótico, vistos a partir da urbe “civilizada”. Olhar para lá do vidro, ficando “cá”.

Multicultural ou transcultural? Chá e alcatra, versus o vitral colorido: o nosso modo de ser.

Proposta: As ilhas como espaço de troca e convívio, para todos. Espaços de reaprendizagem do saber viver. ESTAS MAIS QUE MUITAS OUTRAS.

Definições de apoio

Marketing turístico segundo a conceção de Mário Beni (2003), o qual considera que este compreende cinco etapas, a saber:

1. Pesquisa de mercado: descoberta do que os turistas desejam;
2. Planeamento do produto: desenvolvimento de serviços turísticos adequados;
3. Publicidade e promoção: informação junto dos turistas do que está disponível;

4. Intervenção dos operadores turísticos e das agências de viagens para aquisição de produtos e serviços;

5. Definição do preço.

Heterotopia (aglutinação de hetero = outro + topia = espaço) é um conceito da geografia humana, elaborado pelo filósofo Michel Foucault, que descreve lugares e espaços que funcionam em condições não hegemônicas. Foucault usa o termo heterotopia para descrever espaços que têm múltiplas camadas de significação ou de relações a outros lugares e cuja complexidade não pode ser vista imediatamente. Espelho: exemplo de heterotopia de ilusão ligando realidade com não realidade.

JORGE A. M. B. CUNHA

Museus e Turismo. Uma oportunidade para a Ilha Graciosa.

Ao longo dos tempos, o turismo tem evoluído e hoje o turismo cultural é visto como uma forma de preservação do património, identidade, cultura e tradição de um povo, sendo também um mercado muito importante.

A presente reflexão analisa a crescente importância do turismo cultural e do património, salientando as relações entre estes dois domínios no contexto dos museus.

A Ilha Graciosa, situada no Grupo Central do Arquipélago dos Açores, é uma ilha com recursos naturais e culturais, sobressaindo nestes últimos equipamentos, como o Museu da Graciosa, que será apresentado como um estudo de caso/referência na área do turismo cultural.

2º PAINEL

ANDREIA SILVA

O Ecomuseu do Corvo e o turismo instantâneo

Nos Açores, o fluxo de turismo aumentou exponencialmente nos últimos anos. Tal como uma estrada que se desgasta com a circulação de veículos a longo prazo, também o território visitado e a comunidade que nele habita sofrem um impacto, que deve ser tido em conta aquando da definição de qualquer estratégia de desenvolvimento para as nossas ilhas, territórios onde os museus estão implementados.

Estaremos já em condições de fazer um balanço desse impacto? De que beneficia a Região e, por consequência, os Museus e as comunidades onde estes se inserem, com um tão grande fluxo de pessoas?

Facilmente enumeramos vantagens, sendo as económicas as mais tangíveis, mas existirão certamente desvantagens, sejam elas tão simples quanto a sobrelotação dos parques de estacionamento, as subidas de preços na restauração e alojamento e a indisponibilidade de lugares para entrar ou sair das ilhas, ou tão complexas quanto a perda de identidade das comunidades visitadas.

No Corvo, território alvo do Ecomuseu, arrisco-me a afirmar que temos, regra geral, um “turismo de meio dia”, proveniente da ilha das Flores, qual pacote que nos é vendido num resort e que nos permite passar pela capital, ou por um complexo de ruínas milenares, visitar um parque aquático ou um jardim zoológico.

Sendo o Ecomuseu um projeto museológico e de desenvolvimento que prevê a mobilização do património corvino para o desenvolvimento sustentável, que pretende o reforço da identidade corvina e o envolvimento constante da população, este crescimento no sector do turismo levanta muitas questões.

Deve um museu programar em função do turista ou da comunidade detentora do património? Que riscos corremos? É viável criar “para inglês ver”? Queremos ser diferentes ou iguais aos outros? Como pode o turismo levar a um desvanecer da identidade de uma comunidade? E o impacto no património construído, é mensurável? Que cuidados devemos ter?

RUI D. B. MARQUES

Casa-Museu Cunha da Silveira. Breves considerações sobre público-turista

A presente comunicação tem como objetivo a reflexão sobre os desafios que o turismo constitui não só para os museus, enquanto um segmento de público com características específicas, mas também para a sociedade açoriana, tendo em conta o crescimento de turistas verificado durante os últimos anos na Região. Neste sentido, importa-nos analisar a posição e o papel do Museu Municipal - Casa Museu Cunha da Silveira – à luz desta tão pertinente temática.

Trata-se de um projeto inaugurado a 2 de setembro de 2017, ou seja, recentemente aberto ao público, razão pela qual não foram ainda desenvolvidos estudos no domínio dos públicos. Nesta fase embrionária do projeto da Casa Museu, o foco está sobretudo na comunidade local como o público escolar e sénior. No entanto, e para além disso, o segmento de público aqui em destaque constitui uma janela de oportunidades com grande potencialidade, uma vez que um dos principais desafios dos Museus passa pela captação e fidelização de novos públicos. Assim, pretende-se encetar algumas reflexões críticas e projetar algumas medidas e estratégias de programação, divulgação e comunicação junto do público-turista.

Essa fidelização e captação do público-turista passa, em certa medida, pela cooperação e pelo estabelecimento de relações entre o museu e os agentes de turismo. Isto é, fomentando estratégias conjuntas, quer na organização das rotas patrimoniais, quer em relação ao marketing, tendo em conta as acessibilidades, horários e precários com vista à valorização da oferta turística e potencialização da experiência do visitante.

Estas reflexões têm como base a recente experiência adquirida na Casa Museu através de análise de fontes, observação direta e conversas informais estabelecidas, quer com os agentes de turismo, quer com os turistas que visitam o Museu.

3º PAINEL

EDUARDO P. MEDEIROS***A Oficina-Museu das Capelas e o Turismo***

Nesta apresentação irá dar-se a conhecer a Oficina-Museu das Capelas. Irão também ser abordados outros temas como a importância do turismo para a sobrevivência deste museu e para a sua divulgação e ainda a apresentação de alguns dados estatísticos.

Aquilo que é hoje a Oficina-Museu das Capelas foi criada no ano de 1996 como um atelier de produção de artesanato, no qual o professor Manuel João Melo produzia artesanato típico dos Açores, nomeadamente com miolo de figueira e escamas de peixe. Posteriormente teve a ideia de ter outros artesãos a produzir artesanato consigo, e assim criou pequenas oficinas, mas não conseguiu arranjar pessoas para tal. Porém já tinha criado um espaço que fazia lembrar as antigas ruas de Ponta Delgada durante as décadas de 40, 50, etc.

A Oficina-Museu das Capelas consiste num museu antropológico privado, tendo um total de 900 m² e 35 salas museológicas, sendo que cada uma diz respeito a atividades e espaços que eram comuns antigamente.

Neste espaço além de trabalhos em escamas de peixe e miolo de figueira fazem-se trabalhos em olaria, cascas de cebola e alho e tecelagem. Quem visita o museu tem a oportunidade de observar pessoas a trabalhar nestas atividades de artesanato.

No que toca ao turismo, qualquer visitante desfruta de uma visita guiada e esta instituição está ligada a muitas agências de turismo sendo que é comum receber autocarros com turistas que vêm com os seus guias visitar o museu.

Para fazer divulgação do museu além dos folhetos do museu tem grande importância a sua página no site The Best of Azores, assim como o seu Facebook.

Serão ainda apresentados alguns dados estatísticos relativamente ao número de visitantes recebidos pela Oficina-Museu das Capelas.

PALAVRAS-CHAVE: turismo, museu, artesanato, Antropologia.

IGOR ESPÍNOLA DE FRANÇA***Turismo e criação de novos públicos – O exemplo do Museu da Lagoa, Açores***

O Museu de Lagoa – Açores é um projecto pedagógico cuja missão é a salvaguarda da memória e a construção da identidade locais, numa ótica de desenvolvimento integrado e sustentado. Assim, a estruturação de um discurso didáctico e apelativo, entendível quer para os que se reconhecem nos conteúdos expositivos e interpretativos, quer para os que neles “sentem” a diferença, assumiu-se como uma estratégia incontornável. É neste contexto que descritores técnicos, documentários e aplicativos adequados, bem como a capacitação exegética e a divulgação se

assumem como ferramentas imprescindíveis para a criação de novos públicos, nomeadamente para aqueles provenientes dos fluxos turísticos que tendo como destino os Açores visitam a nossa instituição.

SUSANA G. TIAGO

O Museu do tabaco da Maia e a sua relação com o Turismo. Breve reflexão

“O que num lugar nos marca para sempre, não é a sua maior ou menor centralidade (...) é acima de tudo, a sua autenticidade, marca definidora da identidade...” (Roberto Pereira, visitante museu, setembro)

O Museu do tabaco da Maia é um organismo científico cultural da Santa Casa da Misericórdia do Divino Espírito Santo da Maia, vocacionado para a investigação, a documentação, a conservação, a interpretação e a divulgação da agro-indústria do tabaco, numa perspectiva de desenvolvimento local.

Criar um museu do tabaco na Maia, era já uma ideia que vinha dos antigos proprietários da fábrica de tabacos da Maia aquando o seu encerramento em 1988. No entanto, só em abril de 2004 com a aquisição do imóvel desta unidade industrial pela Santa Casa da Misericórdia da Maia ao abrigo do programa Interreg IIB é que foi possível concretizar esta ideia.

O Museu abre as suas portas ao público em 2005 no sentido dos visitantes contatarem com o processo de gestação de um museu. Mas só a 30 de maio de 2009, este é oficialmente inaugurado com a exposição temporária de longa duração “Pesagem, Secagem e Prensagem do tabaco”, tendo como principal objetivo a promoção do potencial turístico local, quer através do próprio espaço museológico que desempenha per si a função de polo turístico, quer desenvolvendo outro tipo de infraestruturas que visem este mesmo objetivo e aqui podemos falar do Welcome Center da Zona Oriental do Concelho da Ribeira Grande (ZOCRG) que inaugurou no passado dia 25 de outubro.

Falaremos destes dois projetos e como é que eles têm conseguido captar os vários grupos de turistas e redimensionar o turismo deste território.

SOFIA LAPA

Reflexões em torno do processo de definição do “público-alvo: turistas”, no âmbito da programação da Casa da Autonomia.

A minha comunicação ao IIIº Encontro de Boas Práticas Museológicas tem como contexto imediato a colaboração que venho desenvolvendo com a estrutura de missão da Casa da Autonomia.

O meu trabalho no seio deste novo equipamento cultural açoriano, num período em que decorre a sua instalação, resulta quer numa consultoria essencialmente sob a forma de uma curadoria educativa diretamente relacionada com as exposições permanentes a instalar no Palácio da Conceição, em Ponta Delgada, quer na

colaboração direta na produção de conteúdos a ser disponibilizados na plataforma digital desenvolvida pela Casa da Autonomia.

Problematicando e promovendo os quatro grandes eixos da sua estrutura de missão - HISTÓRIA E MEMÓRIA, IDENTIDADE E CIDADANIA – os conteúdos agora em desenvolvimento visam a criação e progressiva consolidação de uma comunidade sócio educativa de utilizadores / visitantes que dinamizarão pela sua apropriação cultural, científica, educativa, de forma lúdica e/ou criativa, todos os recursos base disponibilizados naquela plataforma.

Assim, será focando-me na especificidade do projeto da Casa da Autonomia, e seguindo as linhas de reflexão propostas pela Comissão Organizadora deste IIIº Encontro (que integro), que procurarei problematizar o perfil de utilizador / visitante em foco, i.e., os *Turistas como público-alvo. Problemáticas e desafios.*

4º PAINEL

ISABEL SOARES DE ALBERGARIA

Nestor de Sousa e a historiografia da arte nos Açores

Discípulo de José Augusto França e um dos primeiros diplomados com o mestrado de História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Nestor de Sousa introduz na Academia Açoriana, onde leccionou durante 26 anos, os fundamentos de base científica para uma historiografia da arte na Região. O seu magistério tocou várias gerações de estudantes e formou o pensamento de alguns destacados historiadores açorianos. No plano da produção historiográfica os Açores devem-lhe obras de referência como *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos Séculos XVI a XVIII* – resultado da sua tese de mestrado, publicada em 1986; estudos sobre artistas destacados no panorama regional e nacional, como é o caso de Duarte Maia, Canto da Maia, Domingos Rebelo e Raimundo Machado da Luz, além de inúmeros artigos incluídos na revista *Arquipélago - História*, da Universidade dos Açores.

A comunicação propõe-se não apenas historiar a obra produzida por Nestor de Sousa no campo da História da Arte durante mais de duas décadas, como lançar um olhar crítico sobre o seu legado historiográfico.

SÍLVIA SOUSA

Nestor de Sousa. Memórias em contexto museológico

A preservação da memória é o pretexto para evocar e homenagear o percurso museológico do Dr. Nestor de Sousa enquanto diretor do Museu Carlos Machado (1975-1985), bem como para apresentar o acervo que incorporou aquele museu pela dádiva dos seus herdeiros, num ato de generosidade e profundo sentimento de

participação cívica na preservação do património cultural.

O acervo doado ao Museu Carlos Machado, em novembro de 2018, após um exaustivo e criterioso trabalho de seleção, é composto por mais de 1500 objetos e constitui um importante e notável conjunto patrimonial que abrange obras de arte e peças de artes decorativas, indumentária, etnografia regional, numismática, medalhística, mobiliário, arte sacra e imagem.

A apresentação desse património cultural é feita de forma sintética, mas transversal às várias tipologias de objetos e às diversas coleções do museu que os mesmos integram, destacando-se alguns exemplos mais significativos.

Aspetos relativos à inventariação e ao tratamento museológico das peças, desenvolvidos no âmbito da incorporação desse acervo, são também abordados, dando eco do cumprimento da missão do Museu na salvaguarda do património cultural e na preservação da memória.

FERNANDO M. RIBEIRO

Acervo Nestor de Sousa na Biblioteca da Universidade dos Açores

Após a morte do Mestre Nestor de Sousa, antigo docente e investigador da Universidade dos Açores (UAc), decidiram os herdeiros doar a sua biblioteca particular e documentos de arquivo à Biblioteca, Arquivo e Museu da UAc.

Relativamente à biblioteca Nestor de Sousa, considerando a dimensão da mesma e temáticas, foi efetuada uma seleção de publicações, mormente das áreas de história das artes e de história dos Açores. Esta biblioteca com cerca de 4000 publicações, encontra-se em fase de tratamento técnico, estando já tratados perto de 15% do seu conjunto.

O volume e diversidade de documentação produzida e recolhida pelo próprio Nestor de Sousa implica selecionar, identificar, organizar e descrever os documentos de modo a salvaguardar e disponibilizar a produção intelectual do investigador. Da documentação recolhida, constam 12 gavetas arquivadoras com fichas de leitura já identificadas e 59 caixotes de diversa tipologia documental em fase de tratamento técnico especializado.

Do conjunto do acervo serão expostas uma pequena amostra de bibliografia e outra de documentos de arquivo.

5º PAINEL

JOSÉ CARLOS CARREIRO

O Museu do Nordeste na dinâmica sócio-cultural e turística do Município

O Museu do Nordeste – percurso histórico; a criação do Museu; os espaços expositivos; as exposições; financiamento; integração na comunidade; rede museológica do

concelho de Nordeste.

O Museu do Nordeste foi inaugurado em 1989, numa iniciativa da Câmara Municipal do Nordeste da altura que visava a preservação, recolha, catalogação e exposição do importante espólio de artefactos, peças de arte, indumentária, alfaias e loiças, entre outros, pertença de muitos cidadãos nordestenses, residentes no concelho ou no exterior, designadamente em Ponta Delgada, que corria o risco de se estragar ou perder definitivamente.

O Museu fica situado na rua Dona Maria do Rosário, bem no coração da Vila de Nordeste.

A criação do Museu obedeceu a uma ideia de preservação das mais diversificadas vertentes da vida nordestense e suas componentes sociais, cuja organização e montagem foi confiada ao docente da Universidade dos Açores, Doutor Nestor de Sousa, que tinha sido Diretor do Museu Carlos Machado, de Ponta Delgada.

O espaço expositivo está instalado numa dependência do Município onde também funciona a repartição de Finanças do concelho de Nordeste.

O Museu contém coleções reunidas com o objetivo de preservar a herança nordestense e que hoje permitem a leitura das vivências quotidianas das nossas populações.

O seu espólio é constituído por temáticas diversas que vão dos trabalhos agrícolas, à olaria, vida doméstica, arte sacra, influências da emigração, indumentária e tecelagem.

O Museu é visitado principalmente por turistas, emigrantes e alunos.

Está conectado com uma rede de pequenos espaços museísticos distribuídos por várias freguesias do concelho, a saber Lomba da Fazenda (Museu da Junta de Freguesia), S. Pedro (antigo passal da Igreja) e núcleo museológico da Achada (Paróquia local).

Em síntese a dinâmica cultural, aliada à vertente turística e económica assumiu na atualidade um vetor muito importante no desenvolvimento do Nordeste, de que o Museu é parte integrante, sendo uma mais valia na criação de alguns de postos de trabalho e de riqueza, ao mesmo tempo que preserva as memórias do passado e do viver nordestense.

MAFALDA VICENTE E RITA SOARES

Museu Municipal Nestor de Sousa

A nova dinâmica turística da ilha de São Miguel e o aumento significativo do número de turistas que visitam o Nordeste diariamente alertou-nos para a necessidade de repensar as estratégias de programação e divulgação cultural que fazemos através do museu municipal.

Um longo processo de autoanálise levou-nos à decisão de renovar o museu – que já tem 30 anos –, enquanto elemento agregador dos saberes antigos e das vivências

passadas, que elogia a história dos Nordestenses, que preserva a memória das suas gentes e que honra o seu fundador. Nesse sentido, foi alterado o seu nome para “Museu Municipal Nestor de Sousa”, reconhecendo o contributo inequívoco que Nestor de Sousa deu na criação deste espaço expositivo dedicado à memória coletiva e à divulgação da história local.

Dentro da pequena área que temos disponível, propomo-nos a criar um novo ambiente e uma nova forma de narrar a história do Nordeste, com uma forte aposta na divulgação dos principais fatores identitários da cultura deste território longínquo que ficou conhecido como “a Décima Ilha”.

Pretende-se que o museu seja um retrato da identidade local e que se afirme como elemento-chave e agregador do conhecimento, visando promover o desenvolvimento sustentável do território através do estudo, da divulgação, da interpretação e da promoção da cultura do Nordeste, aproximando o museu à comunidade local e tornando-se num forte atrativo à visitação turística de todo o concelho.

Com este projeto pretendemos não só remodelar um espaço museológico mas também – e acima de tudo – fomentar a componente educativa/formativa do museu através de espaços dedicados ao conhecimento, abertos à comunidade e atrativos para os visitantes, que contribuam para o desenvolvimento socioeconómico do Nordeste através de experiências positivas para os turistas que nos visitam e para os locais que cá permanecem.

Para além do projeto de remodelação do espaço, apostou-se na remodelação do instrumento essencial de um museu – o inventário. Deste modo, realizou-se no verão passado no âmbito do Projeto Estagiar U, o inventário do Museu Municipal Nestor de Sousa assente nas Boas Práticas dos Processos de Inventário, que possibilitou o conhecimento do espólio, identificando e registando todos os objetos existentes na sua exposição permanente, salvaguardando e valorizando o património *in situ*.

Ao analisar o primeiro inventário datado de 1988, depreendeu-se que algumas das peças integrantes da exposição permanente não estavam registadas corretamente ou não se encontravam nos registos. Ao longo do tempo houve a doação de peças e era urgente a gestão deste património municipal, nomeadamente através da sua inscrição no inventário do museu uma maneira de garantir o seu estatuto museal. Neste sentido, houve a necessidade de se desenvolver um inventário que seguiu três etapas fundamentais: o levantamento dos bens patrimoniais, a recolha de documentação fotográfica e a realização da ficha individual de cada peça, tendo como referência as Normas de Inventário elaboradas pela DGPC.

Assim, pretende-se mostrar todos os passos realizados durante o inventário, desde as dificuldades sentidas até às soluções encontradas, permitindo o estudo deste espólio, a sua valorização e divulgação, impulsionando este museu ao nível de Ilha.

ÍNDICE

3	IIIº EBPM sinopse
4	Programa
6	Notas biográficas
11	Resumos das comunicações

AGRADECIMENTOS

Câmara Municipal do Nordeste

NOS **30** ANOS DA CRIAÇÃO DO MUSEU DO NORDESTE

EXPOSIÇÃO

NESTOR DE SOUSA

1932-2017

2020
25 NOVEMBRO A 19 JANEIRO
2019

SALA DE EXPOSIÇÕES DO MUNICÍPIO
HORÁRIO: 2ª A 6ª FEIRA 8H30 ÀS 16H30
ENTRADA LIVRE



